

A descoberta do Instituto do Ceará

EUSTÓGIO WANDERLEY CORREIA DANTAS*

A necessidade de pensar a Geografia e a História da província justificou organização de movimento intelectual de estudiosos cearenses de peso no sentido de fundarem o Instituto do Ceará, em sessão do dia 4 de março de 1887 e a reunir grupo de abnegados: Paulino Nogueira, Barão de Studart, Joaquim Catunda, João Batista Perdigão de Oliveira, Júlio César da Fonseca Filho, Pe. João Augusto da Frota, Antônio Augusto de Moraes, Juvenal Galeno e Virgílio Brígido.

No Instituto do Ceará foram desenvolvidos estudos relacionados ao saber geográfico e histórico do estado e que até a atualidade se constituem referência, antes mesmo da constituição da Geografia e da História como ciências nos anos 1930 e a contar, no caso da primeira, com a participação efetiva de mestres franceses como Monbeig e Defontaines. No Ceará o quadro ainda é mais desvantajoso em relação às instituições universitárias, com instalação do primeiro curso de Geografia e História na antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e, na sequência, na Universidade do Ceará (atual Universidade Federal do Ceará), cujos primeiros geógrafos foram formados, respectivamente, em 1947 e em 1966.

A institucionalização do saber em conhecimento científico se dá no Ceará somente a partir do final da primeira metade do século XX, não implicando necessariamente na impossibilidade de incursões no espaço em foco e, muito menos, na realização de trabalhos com rigor metodológico e de caráter descritivo denso. Significa dizer que sem o

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Instituto do Ceará, o conhecimento sobre a Geografia do Estado não seria o mesmo. Não é à toa que a consócia Maria Clélia Lustosa Costa, em seu discurso de posse, e remetendo à carta de Capistrano de Abreu a Barão de Studart, na qual afirmava tratar-se do Ceará a província mais estudada do norte do país, ressalta a existência de “um grande acervo bibliográfico sobre a Geografia, a História e a Antropologia cearense”.

Uma marca da época e na qual a Geografia e a História representavam ciências irmãs, fundamentadas no positivismo lógico e cujo amálgama era a da constatação da importância do meio geográfico no fazer histórico. O que Milton Santos, para além das querelas entre os adeptos do determinismo e do possibilismo geográfico, denominava de “necessitarismo”.

O consócio a quem sucedo, João Alfredo de Sousa Montenegro, é gestado neste contexto, se formando como bacharel e licenciado em Geografia e História na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, respectivamente nos anos de 1952 e 1953. Em 1954, obtém o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Tal formação o qualificou a ingressar, em 1958, como Professor Assistente da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (UFC), na qual permanece exercendo este cargo até 1970, quando se transferiu, como Professor Adjunto, à Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia. Este desdobramento em sua carreira justificou mudança para o Rio de Janeiro e no sentido de realizar Mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com conclusão em 1976. Na carreira universitária, a que diretamente nos interessa e ao ponto de não remeter à sua passagem no ministério público, é aprovado em concurso de Professor Titular (1980), atuando, desde então, em vários cursos de graduação e em curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (1986).

João Alfredo Montenegro participa de movimento de constituição do saber científico no Ceará, dado a suscitar delineamento de processo de redimensionamento do Instituto do Ceará e em face à concorrência empreendida com as instituições de ensino superior. Representa reforço de tendência posta à formação de pesquisadores habilitados nos domínios da Geografia e História e entendida como via única a torná-los aptos a interpretar o mundo. A Universidade toma para si este papel e intitula as realizações precedentes como “pré-história da ciência”.

Neste sentido, o consócio em foco figuraria dentre os especialistas no estudo da história das ideias e a sofrer influência da Escola Francesa, na figura do célebre historiador Fernand Braudel.

Não é à toa que Vladir Menezes, responsável por sua saudação de ingresso no Instituto do Ceará, pontua produção científica realizada no domínio universitário tanto local como nacional. Elenca 27 trabalhos, e comenta 9 dentre eles, publicados em veículos diversos: livros, capítulos e artigos em periódicos nacionais. É nestes termos que o compara a Tomás Pompeu de Souza Brasil, que teria entrado no Instituto do Ceará “por seus méritos indiscutíveis”. O referido era considerado o maior erudito de sua época, sendo exigido para seu ingresso no Instituto do Ceará, em 1889, apresentação de trabalho sobre a População do estado a uma Comissão de Admissão de Sócios. Já João Alfredo Montenegro é admitido devido “uma longa e proveitosa experiência de vida que se realiza em pensamento, concretizando uma obra, legado de sua atividade intelectual”. Até seu afastamento por problemas de saúde, nos deixa um legado a contar com publicação de 48 trabalhos.

João Alfredo Montenegro adentra no Instituto do Ceará, tendo obra valorada por especialistas do estado (GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário da literatura Cearense**, 1987) e de São Paulo (PAIM, Antonio. **O estudo do pensamento filosófico brasileiro**, 1985).

Embora sua dimensão corpórea impeça continuidade de convívio conosco, seu legado persiste e nos anima. Foi satisfatório remeter a seu trajeto, principalmente por encontrar nele similitudes ao meu. Guardando as proporções e relativizando os contextos considerados, somos provenientes de amálgama similar, o do institucional a nos formatar.

Como o consócio, fui motivado, desde o princípio pelo magistério e, no percurso, me tornei pesquisador.

É nestes termos que não falarei, em um primeiro momento, de geógrafo! Geografia não constava em meu vocabulário. A influência que recebi de meus familiares (especificamente o lado feminino: a avó, Alvina Alves Correia; a mãe e tia, respectivamente Francisca Correia Dantas e Maria José Correia de Sousa), indicava como meta o ser professor. Guardei na minha memória as histórias de minha avó ao se vangloriar de ter sido “Professora Interina” em Parnaíba/Piauí. Em suma, por saber ler e escrever medianamente havia, à sua época, a possibili-

dade de atuação como professora voluntária na alfabetização de jovens e adultos, dado que ela guardou até seus últimos dias como boa recordação de sua juventude. No mais ela sempre afirmava que a família de meu falecido avô era de homens inteligentes, “todos doutores”. Nestes termos, apresentava naturalmente o peso do gênero no delineamento do papel dos sujeitos à época em que viveu.

Minha avó conseguiu influenciar, sobremaneira, minha mãe e tia. Ambas concluíram o antigo Normal e exerceram o magistério, no ensino fundamental, até a aposentadoria. O círculo se fechava com elas ao realizarem um projeto de vida profissional almejado e não alcançado, de fato, por minha avó.

Não fugi à regra. Com influência desta tríade, também abracei esta vocação e, no momento de pensar no ingresso na universidade somente existia uma certeza: o magistério. Minha vontade era tamanha que, à época, mesmo meus amigos mais próximos não ousavam me dissuadir. Eu não vislumbrava outras possibilidades e eles eram forçados a endossar. Toco neste ponto para denotar a já clara tendência de desvalorização deste profissional face a outras profissões.

A Geografia apresentou-se como um meio para se atingir um fim, o me tornar professor. Na escolha desta ciência minha mãe me antecedeu, ingressando, aos 42 anos de idade, no Curso de Licenciatura da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Ingresso um semestre após (1985.2), dando início a meu percurso de profissionalização.

O se formar como Professor de Geografia pareceu-me razoável e as possibilidades de inserção no mercado se ampliavam para além do domínio do ensino fundamental e médio, com a descoberta do magistério superior. Este novo horizonte me foi apresentado na universidade por professores especiais, a se destacarem na motivação dos jovens geógrafos em formação. Dentre eles indicaria Luzianeide Coriolano e Luiz Cruz Lima. A primeira, professora, soube apresentar uma bibliografia atualizada e nos convencer da ideia de que passávamos por um processo de renovação e no qual tínhamos uma contribuição a dar na defesa de uma sociedade justa e na efetiva atuação como profissional geógrafo. Mais uma vez tenho reforçado o ideal do magistério e a essa altura do ensino superior. O segundo, professor, também soube apresentar esta bibliografia inovadora, leia-se marxista, indicando ainda a necessidade do profissional de ensino se dedicar à pesquisa.

Nesta época percebo ser fundamental, na construção de meu perfil como professor, o investimento na dimensão da pesquisa, intento não fácil, posto dispor de fragilidades na formação como licenciado. O caminho encontrado foi o da realização de estudos de pós-graduação. A oportunidade se apresentou na Universidade Federal do Ceará (UFC), com ingresso no “Curso de Especialização Nordeste Questão Regional e Ambiental” em 1989, concebido pelo Prof. José Borzacchiello da Silva e coordenado pela Prof^a. Maria Geralda de Almeida. Consistiu em atividade fundamental na formação de meu perfil como pesquisador. Pautado na temática Regional e a adentrar na compreensão da dinâmica da regionalização e do regionalismo no Nordeste, suscita a descoberta de bibliografia ampla e a impor um posicionamento científico e político face ao mundo.

De um cientista em formação e a intentar ser atuante, os espaços oferecidos pela cidade no domínio profissional eram restritos. Nenhum concurso à universidade ocorreu à época, o mesmo no concernente ao ensino médio do Estado ou Município. O dilema reinante entre os nordestinos me rondou ao ponto de realizar concursos para universidades fora do Ceará. Para sobreviver tornei-me migrante, sendo convidado e aceito trabalhar, entre 1989-1990, como Professor Substituto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista. Nesta instituição me envolvi na arte do magistério superior, não somente reduzida à sala de aula, mas a envolver atividades tanto de pesquisa como extensão. A expectativa de nossos alunos era grande e, nesta labuta, contei com a vivência rica e gratificante de amiga e colega que havia realizado especialização comigo e pelejado na Associação dos Geógrafos Brasileiros, a Prof^a. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues.

Minha alma de migrante não se acalenta e, já em Vitória da Conquista dou continuidade a meu projeto de realização do mestrado, concluído em 1995. A instituição escolhida foi a USP, posto dispor de informações que a apontavam como a melhor do país. Na USP ingressei em ambiente de discussão no qual se vislumbrava esforço de releitura e atualização do pensamento marxista, pautado na obra de Lefebvre e encabeçado por minha orientadora Ana Fani Alessandri Carlos. Tal inflexão permitiu compreensão do pensamento lefebvriano como um processo histórico de interpretação da realidade e a possibilitar, a partir do recurso ao diacrônico, o entendimento do sincrônico. Em suma, a

história do espaço como possibilitadora da compreensão da morfologia urbana hodierna, bem como da indicação de projeções para o futuro.

O dado a ponderar neste processo de formação foi o do fortalecimento de leitura altamente crítica em relação a outras instituições produtoras do conhecimento. Na universidade, a busca da cientificidade e do cientificismo conduziu a atitude de negação de outros níveis de conhecimento e saber. Fechamo-nos em nós mesmos ao questionarmos importância dos estudos descritivos. Trata-se de postura resultante da força que a ideologia marxista toma nas ciências sociais, ao ponto de provocar distanciamento em relação ao saber intitulado burguês e com as instituições nas quais supostamente se assentava.

Retorno a Fortaleza em 1991, após aprovação em concurso na UFC. Meu ingresso se deu balizado pelos valores que guardava à época. Acreditava que não deveria vestir a camisa da instituição posto não querer perder minha capacidade de crítica. Me dediquei com força à minha especialização profissional. No entanto e diferentemente do ocorrido no Mestrado, no Doutorado outras prioridades se apresentavam. O individual (pessoal) entra em choque, neste momento, com o institucional. De um lado intentava dispor de tempo para elaborar um projeto de pesquisa consistente e aproveitar um pouco mais da vida. Havia casado recentemente e queria paz (descanso). Almejava viver o tempo lento, perdido nos augúrios da metrópole alencarina. Isto até me levou a recusar convite esboçado por minha antiga orientadora de mestrado em continuar estudos com ela em São Paulo. De outro lado, possibilidade de saída para o doutorado apresentada na UFC e que me levou à capitulação. Consequentemente a saga de migrante foi retomada, desta vez apontando à travessia de mares bravios e incursão em ambientes ainda não explorados.

Não poderia, pautado no indicado anteriormente, deixar de agradecer dois apoios fundamentais nesta época e que agora tenho a oportunidade de fazê-lo em público. Primeiro, o de minha esposa ao não titubear em aceitar migrar comigo. Foi fundamental em tomada de decisão de caráter pragmático, resultado da plena consciência de que quando se apresenta uma oportunidade destas não dá para recusar. Sempre foi difícil, e ainda o é, pleitear afastamento para especialização, vis-à-vis demandas outras de nossos pares. Segundo, a do colega e grande amigo Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva, que me lembrava da importância

em realizar estudos no estrangeiro, especificamente na França e, concomitantemente, oferecia bolsa de doutorado sob os auspícios de projeto que coordenava junto ao CAPES-COFECUB.

Na França meus horizontes se abriram tanto como pessoa como profissionalmente. Na perspectiva pessoal deixei de ser casal e me transformei em família, com o nascimento de minhas duas amadas filhas: Caroline Azevedo Dantas e Larissa Azevedo Dantas. Meirinha e elas sempre formam um alento em minha vida atribulada na metrópole parisiense. Neste interim contamos com o apoio inestimável de minha sogra, Maria Librada Azevedo do Nascimento, e de minha mãe, Francisca Correia Dantas, que generosamente foram solidárias ao migrarem à Paris no momento do nascimento das meninas. Hoje entendo metaforicamente o que significa porto seguro. Encontrar minha esposa e brincar com minhas filhas era revigorante e inspirador. Foi o sustentáculo para êxito no domínio profissional, no qual contei com orientação do renomado geógrafo Paul Claval, na Université de Paris IV – Sorbonne. Homem culto, intelectual de relevo internacional e que me ensinou ser a liberdade a mola propulsora do espírito. Com ele me insiro no cerne da discussão sobre a Abordagem Cultural na Geografia, cujos pressupostos, contrários ao marxista, visavam recolocar o homem no centro das discussões. Focando nas representações coletivas da sociedade, um novo universo se apresenta na construção de minha pesquisa, agora voltada ao entendimento das relações dos homens com o mar e a permitir descoberta da larga produção científica realizada sob os auspícios do Instituto do Ceará e facilmente acessada em sua revista e rico acervo de documentos antigos disponibilizados no formato impresso.

A oportunidade de rever a assertiva de que o conhecimento somente era produzido na universidade se apresenta. Constato pessoalmente a existência de rico acervo mencionado por Capistrano de Abreu e me deleito em apreender, na leitura dos mesmos, informações relacionadas ao contato que as populações do passado estabeleciam com o mar: os Índios, os colonizadores, os negros, bem como a civilização mestiça que se formou. À época realizei leitura minuciosa da bibliografia existente, pinçando nas entrelinhas as menções raras ao elemento líquido. Constatei neste percurso a lógica do processo civilizacional brasileiro, fortemente marcada pela admiração ao Ocidente e cujos desdobramentos no Ceará denotam um quadro peculiar.

Descubro a obra daqueles que fizeram o Instituto do Ceará e constato sua riqueza de detalhes. Vislumbrei claramente lógica de ordenamento do território valorativa do continente (leia-se sertão) e que lenta e gradualmente converge ao litoral (leia-se capital). Da riqueza e da civilização assentada nos núcleos urbanos interioranos à sua transferência lenta e gradual à cidade de Fortaleza. De uma cidade com alma de sertão que se faz mais recentemente marítima e como reflexo do delineamento das práticas marítimas modernas nos trópicos.

É nestes termos que passo a remeter à constituição de um imaginário social coletivo atrelado ao sertão e cuja constituição no tempo foi possível acompanhar com o recurso de trabalhos clássicos de nossa historiografia e contidos na Revista do Instituto, nosso maior patrimônio.

Trabalhos produzidos por seus fundadores e aqueles que o sucederam se tornaram fonte em minha pesquisa:

Final século XIX/início século XX:

NOGUEIRA, Paulino, “Fortaleza do Ceará”, t. 2. 1888, p. 121-135.

OLIVEIRA, J. B. Perdigão de, “Conquista dos indígenas”, t. IV. 1890, p. 118-154.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Souza, “População do Ceará”, t. 4. 1890, p. 72-77.

STUDART, Guilherme “Azevedo de Montauray e seu Governo no Ceará”, t. 5, nº 1. 1891.

BEZERRA, Antônio “As praias”, t. 16. 1902, p. 94-100.

BEZERRA, Antônio “Pero Coelho de Souza no Ceará”, t. 8. 1903, p. 13-30.

Anos 1930 a 1960:

POMPEU SOBRINHO, Thomas, “O homem do Nordeste”, t. LI. 1937, p. 321-388.

_____, “Alguns aspectos da geografia humana cearense”. t. LIV. 1940, p. 151-192.

_____. “Vicissitudes da Costa Cearense”, t. LX. 1946.

STUDART FILHO, Carlos P. “As fortificações do Ceará”, t. 43/44. 1929/1930, p. 48-94.

_____. “Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra - a Guerra dos Bárbaros”, t. LXXIII. 1959.

_____. “Os aborígenes do Ceará”, t. LXXVI. 1962, p. 5-73.

_____. “O povoamento do Ceará”, t. LXXXIII. 1969, p. 47-61.

Anos 1980:

GIRÃO, Raimundo, “O Ceará Pré-Histórico”, t. E. 1987, p. 9-30.

NOBRE, Geraldo, “Formação das cidades no Ceará-Colônia”, t. C. 1986, p. 241-254.

Grosso modo não apresento nada de novo à tônica presente nos discursos e a exaltar legado produzido nos tempos áureos do Instituto do Ceará. No entanto, e felizmente, com a aproximação em relação aos estudos publicados na citada revista, tomo ciência de um legado mais rico e associado a trabalhos produzidos por consócios que ousam animar a ambiência hodierna da Casa do Barão. Me refiro à constatação de que não só vivenciamos um patrimônio a zelar, mas que o referido se encontra em construção. O legado bibliográfico é ainda aprimorado por aqueles que tive acesso à obra antes de travar conhecimento. A título de exemplo apresento referências bibliográficas publicadas nos anos 1990 pelos consócios:

MENEZES NETO, Paulo Elpídio, “Relações de poder e de dominação no Nordeste Colonial”, t. CX. 1991, p. 169-183.

GIRÃO, Valdelice Carneiro, “As charqueadas”, t. CX. 1996, p. 71-92.

A listagem contempla nomes de outros consócios cuja produção se associa a outros veículos.

Da mesma matriz institucional, advindos da UFC como os dois citados anteriormente, destaco os Professores Gisafran Jucá e Liberal de Castro. Os conheci relacionados à universidade e os reencontro, com

agrado, no Instituto do Ceará. O primeiro foi referência em minha dissertação de mestrado, com tese desenvolvida na Universidade Federal de Pernambuco e a tocar na temática do comércio ambulante em Fortaleza e Recife. O segundo, grande urbanista, com larga produção científica e cujo olhar refinado percebi ao ter sido o primeiro na academia a dar o real peso ao processo de aproximação da cidade e da sociedade em relação aos espaços litorâneos. Destaco sua obra: *Fatores de Localização e Expansão da Cidade de Fortaleza*, de 1977. Ousaria dizer que seu nome figura dentre outros estudiosos que, independente das representações sobre a cidade focarem o sertão, souberam descobrir seu lado mar. Neste domínio o colocaria ao lado de Oliveira Paiva, na literatura com “A Afilhada”, e Gustavo Barroso, grande memorialista, com “Praias e Várzeas”.

Entretanto convém destacar que o Instituto, aberto ao recebimento de profissionais da universidade, não eclipsa completamente sua tradição. Coloco nestes termos para destacar descoberta, da minha parte, de obra de importante memorialista do estado, Eduardo Campos. Me recebeu prontamente e gentilmente para falar sobre os intentos de minha pesquisa e no sentido de me oferecer fontes. Foi através dele que conheci Gustavo Barroso. Eduardo Campos era um homem gentil e generoso, ao ponto de me presentear com alguns de seus trabalhos. Me recebeu por várias vezes e em uma delas, retoma afirmação que havia feito, a de que não trabalhavam com o mar e a de ter seu legado associado ao sertão. Disse na oportunidade que a conversa comigo funcionou para ele como uma terapia em grupo que o fez perceber como o mar também estava presente nele.

O reencontrei anos depois em evento organizado no Dragão do Mar e no qual ele debateu comigo meu primeiro livro: *Mar à Vista* (2002). Na sequência o reencontrei na Casa do Barão, como convidado a proferir palestra. No final muito me lisonjeou os comentários gentis proferidos por ele. Lembro ainda um dado tocado pelo mesmo e segundo o qual, o que é verdadeiro, havia feito umas trinta e tantas citações relacionadas às suas obras no livro anteriormente citado.

Obras utilizadas como fonte:

CAMPOS, Eduardo, “Terra de sol, setenta anos depois”, in : *Journal de Cultura*, Ano 1, nº 11. Fortaleza : Universidade Federal do Ceará, 1983.

_____. *A Fortaleza provincial rural e urbana : introdução ao estudo dos códigos de posturas de 1835, 1865, 1870 e 1879*. Fortaleza : Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.

_____. *Gustavo Barroso - sol, mar e sertão*. Fortaleza: EUFC, 1988, 125 p.

_____. *Mucuripe*. Fortaleza: 1989.

_____. *A Memória imperfeita*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 1993.

_____. *O inquilino do passado - memória urbana e artigos de afeição*. Fortaleza : Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1996, 152 p.

_____. *O inventário do quotidiano - breve memória da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Edições Fundação Cultural de Fortaleza/ PMF, 1996, 87 p.

Após a palestra também me fez convite gentil de encaminhar trabalho à Revista do Instituto do Ceará. De leitor, se apresentou a oportunidade de compor quadro de autores, com a veiculação do artigo intitulado “Rede urbana colonial cearense: uma crítica à noção de rede dendrítica” (2006).

Se possível fosse, gostaria de agradecê-lo pela oportunidade aberta a conhecer, por dentro, o Instituto do Ceará e ter podido contribuir modestamente, com meus escritos, na construção contínua de seu maior patrimônio, a sua Revista, e por que não dizer da sociedade alencarina.

A possibilidade de compor o quadro de sócio efetivo se apresentou mais recentemente, com projeto da Profa. Clélia Lustosa Costa em me trazer ao Instituto do Ceará. Conheço Clélia antes do meu ingresso na UFC, no entanto o aprendizado se deu ao me tornar professor no Departamento de Geografia. Hoje poderia dizer que, seguindo a tradição já instituída pelo Prof. José Borzacchiello da Silva, a referida soube adotar estratégia qualitativa de recepção dos professores novos na instituição. Imediatamente me inseriu no Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR) e soube dar valor, ou melhor, sobrevalorizou um jovem pesquisador que titubeava no universo da pesquisa. Olhando o passado, soube me convencer que já era um profissional completo e que tinha algo a dizer. Hoje, percebo o quanto fui iludido

e por conta da arrogância caracterizadora dos jovens. Com ela aprendi muito e ainda tenho a aprender.

Na empreitada para ingresso como sócio no Instituto do Ceará o Prof. Gisafran Jucá também participou, emprestando seu nome juntamente com a Profa. Rejane Maria Vasconcelos Accioly de Carvalho e, finalmente, em substituição à última professora, contei com a indicação da Profa. Valdelice Girão.

Até o presente momento, da eleição à posse, o caminho foi longo, mas muito me orgulha ter contado com a adesão crescente de colegas a meu nome, o que muito me honrou. Para não citar nomes e incorrer em erros, muitos dentre os que conhecia através da bibliografia, outros da lide acadêmica e, por último, daqueles apaixonados pela cultura e literatura do estado, pessoas que vislumbro como envolvidas na preservação e construção contínua deste patrimônio que pertence às gerações futuras.

Como hoje não sou mais tão jovem como quando entrei na universidade, na atualidade ousou admitir que visto a camisa das instituições nas quais labuto. A UFC trago comigo e o Instituto do Ceará certamente terá um espaço especial em minha vida.

(Discurso pronunciado em 17 de outubro de 2013).